

# TEORIA E PRÁTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM DIÁLOGO CRÍTICO COM A PRODUÇÃO RECENTE.

Nilo Sliva Pereira Netto<sup>1</sup>

## RESUMO

No presente texto resgatamos as idéias centrais de um texto dos autores Fensterseifer e González (2007) intitulado “Educação Física escolar: a difícil e incontornável relação teoria e prática” no intuito de realizar criticamente um debate com os argumentos postos pelos mesmos. Nessa tarefa buscamos elencar tanto os elementos teórico-metodológicos quanto nossas experiências docentes para adiante refletir acerca da finalidade da Educação Física na escola.

*Palavras-chave: teoria, prática, educação física, escola.*

O final dos anos oitenta representou um momento crucial para a educação brasileira. Visualizamos nesse período a emergência de teorias e ideários até então atirados à clandestinidade pelo regime ditatorial estabelecido no país. O âmbito da Educação Física não esteve imune dos debates engendrados nesse período e estes ecoam hodiernamente nos mais variados espaços desse campo.

Surge nesse escopo toda uma sorte de novas proposituras a educação escolar e a Educação Física passa a dedicar sua reflexão ao conteste de seu estatuto educacional estabelecido sob a influência militar e higienista. Desse movimento, sob diferentes bases epistemológicas, surgem propostas pedagógicas, indicações de metodologias, e novos encaminhamentos curriculares que buscaram alterar<sup>2</sup> o objetivo da Educação Física na escola<sup>3</sup>.

Neste devir, debates e embates no campo acadêmico e escolar se acirraram, impactando sobre a prática pedagógica de maneira mais ou menos intensa. Nessa última, mesmo vinte e tantos anos depois do início desses debates, ainda se fazem presentes manifestações das raízes desta disciplina, assim como de seu momento mais robusto, o esportivista<sup>4</sup>.

Num contexto posterior a esse momento de ampla e profícua discussão no interior da área, novas avaliações e proposituras emergem por um lado, e por outro, as

---

<sup>1</sup> UTFPR

<sup>2</sup> Alguns exemplos de teorias surgidas no bojo desse movimento: 1) Teoria da Psicomotricidade (LE BOULCH, 1988), 2) Teoria desenvolvimentista (TANI, 1988), 3) Teoria Construtivista (FREIRE, 1989), 4) Metodologia Crítico-Superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992), 5) Teoria Crítico-Emancipatória (KUNZ, 1991 e 1994).

<sup>3</sup> Para uma precisa e aprofundada leitura acerca dos debates e proposituras dessa área ver Nozaki (2004). Notadamente o trecho nomeado “Educação física e fragmentação da discussão sobre fragmentação epistemológica”.

<sup>4</sup> De forma geral, as abordagens que se colocaram num campo educacional mais progressista erigiram críticas contundentes ao modelo esportivista, levantando como contraproposta não apenas a diversificação de conteúdos, mas uma mudança de grande magnitude na abordagem dos conteúdos esportivos, avançando para além do ensino da técnica esportiva pura como fim da Educação Física. Todavia, sua presença nos moldes criticados, são apresentados por pesquisas recentes da área, assim como visualizada em nossa experiência cotidiana.

bases para a efetivação das perspectivas apontadas pelo movimento supracitado se efetivam ou se esvaem. É também verdade, que dos citados novos momentos reflexivos, contamos com auto-avaliações em relação à autores e autoras que à época defendiam determinadas abordagens e atualmente não mais o fazem, seja por migrarem de campo de estudos especializados, ou por giros epistemológicos.

Partindo da citada conjuntura, neste ensaio<sup>5</sup>, apresentamos o primeiro<sup>6</sup> momento de um esforço que aspiramos realizar nos próximos períodos, qual seja, dialogar criticamente com as produções mais recentes em Educação Física, especialmente aquelas que pretendem se dedicar à prática pedagógica dessa disciplina no contexto da escola pública<sup>7</sup>.

Para isso, buscaremos nesse momento, resgatar as idéias centrais de um texto atual, dos autores Fensterseifer e González (2007), no intuito de realizar criticamente um debate com os argumentos postos pelos mesmos. Nessa trajetória, tentaremos elencar tanto os elementos teórico-metodológicos quanto nossas experiências docentes<sup>8</sup>. E adiante, embasados no trecho inicial, procuraremos discutir acerca da finalidade da Educação Física na escola.

O primeiro dos autores, Fernando Jaime González, é graduado em Educação Física, mestre em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e doutorando na mesma área, porém na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Suas pesquisas se encontram no entorno da temática do esporte como conteúdo escolar, esporte de rendimento, e desenvolvimento cognitivo segundo a teoria psicogenética. Além de ter publicado nos últimos anos a discussão que apresentaremos ulteriormente sobre a relação teoria e prática em educação física escolar.

O segundo é Paulo Evaldo Fensterseifer, graduado em educação física e filosofia. Também doutor em educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Tem pesquisas na linha de educação física e cultura escolar, entre outras, publicando trabalhos acerca dessa disciplina e sua relação com a modernidade, a epistemologia e a prática pedagógica.

---

<sup>5</sup> É oportuno evocar nossa gratidão à leitura crítica e atenciosa desse artigo por colegas como Francis Madlener de Lima, Hajime Takeuchi Nozaki e Renato Pizzatto Vivan. Suas contribuições foram pontos de apoio para seguirmos nas reflexões que ora apresentamos.

<sup>6</sup> O presente texto foi publicado inicialmente na ocasião do III SEMINÁRIO DE EPISTEMOLOGIA E EDUCAÇÃO FÍSICA, Santa Maria, 2010. Seminário organizado pela Linha de Estudos Epistemológicos e Didáticos em Educação Física (CEFD/UFSM).

<sup>7</sup> São exemplos os textos Bracht e Almeida acerca das implicações das leituras de autores como Richard Rorty, Jürgen Habermas e Zygmunt Bauman para a prática pedagógica em educação física. Ou ainda os textos – diversos – de Taborde de Oliveira e outros, sobre a discussão da corporalidade como perspectiva de ação docente em educação física no sentido de superação da motricidade e competitividade enquanto expectativas dominantes na disciplina. Estes últimos, embora sem impacto significativo na prática pedagógica no âmbito nacional, contam com ampla produção acadêmica na área, além de orientarem as Diretrizes Curriculares Municipais de Araucária (PR).

<sup>8</sup> Atentamos para o fato de crermos que a experiência docente se dá num amplo processo de inserção na comunidade escolar e nunca exclusivamente na expectativa disciplinar. Experiência docente é disciplinar, mas envolve também a organização do trabalho pedagógico geral da escola, a gestão democrática, a participação sindical, o conhecimento e diálogo com a comunidade local, entre outros elementos.

Embora suas produções aparentemente estejam em espaços tão distintos, a relação entre os autores aparece no texto de forma harmônica. Juntos, além de alguns textos como o citado no presente, dedicam-se ao magistério superior na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI) e também publicaram pela editora da mesma, duas edições do importante Dicionário Crítico da Educação Física, uma em 2005 e a mais recente em 2008.

Em específico, o texto ao qual pretendemos nos debruçar nesse momento é intitulado “Educação Física escolar: a difícil e incontornável relação teoria e prática”, publicado no ano de 2007 na Revista *Motrivivência*.

Os autores propõem centralmente nessa escrita, um modo de enfrentar a questão que julgam ser fundamental, qual seja o difícil e incontornável problema da relação teoria-prática. Inicialmente pontuam algumas dificuldades postas a esse exercício e seguem ao longo do texto exercendo uma crítica a concepções, não nomeadas por eles, que afirmam ter sido encerrado o debate teórico acerca da área, restando a essa então, a implementação dessas idéias.

Num segundo momento, os autores pretendem retornar a pergunta que não fizeram anteriormente, onde questionam qual seria então, a responsabilidade da escola e em particular da Educação Física? Através dessa nova pergunta possuem a pretensão de enfrentar os desafios postos pelas questões anteriores, geradoras das reflexões apresentadas por eles. Nesse trecho do texto, os autores retomam o desenvolvimento histórico da escola e da Educação Física, apontando a importância do processo de crítica renovadora, ocorrido no interior dessa última, onde a situação gerada *a posteriori* é contemporânea e revela um momento de ruptura definitiva com os modelos educacionais anteriores, mas que, no entanto não apresenta uma nova e unilateral vertente implantada.

É possível concordar com diversos pontos apresentados pelos autores, mas gostaríamos de destacar alguns trechos de seu texto, que se não nos trouxeram discordâncias, prestaram-nos o salutar serviço da inquietação.

Primeiramente, falta-nos em sua narrativa uma identificação mais apropriada, tanto de conceitos que parecem estar dados enquanto consenso ou compreendidos por quaisquer interlocutores – como é o exemplo do conceito de *práxis*<sup>9</sup> – quanto da apresentação explícita das teorias às quais os autores estão dialogando criticamente. Muito embora não nos posicionemos na ingenuidade do desconhecimento da base epistemológica à qual os autores se encontram, a objetividade de sua crítica se faz duvidosa, pois não se exercita a partir de uma cosmovisão identificada tampouco de uma problemática referenciada por eles no cotidiano escolar.

Vejamos a aproximação que os autores realizam entre uma das dificuldades do questionamento da relação teoria-prática, que pode levar ao pensamento<sup>10</sup> de que as

---

<sup>9</sup> Identificamos durante a leitura do texto dos autores, categorias conceituais importantes diluídas no seu interior, mas que não aparecem definidas devidamente, tampouco referenciadas com a devida base epistemológica. Os autores parecem incorrer numa prática que tem sido comum, inclusive em documentos oficiais, conforme nos apresentam Klein e Klein (2008), onde não se tem preservado uma preocupação em explicitar, com toda a profundidade e clareza, o conteúdo das categorias que lhes são substanciais.

<sup>10</sup> O fato então, de os autores ressaltarem esse pensamento para debater no decorrer do texto, transparece-nos que dessa forma de pensar emergem imediatamente práticas que se fazem presentes em teorizações e cotidiano escolar.

questões teóricas estão suficientemente desenvolvidas e que nos caberia colocá-las em prática. Relacionam a supracitada concepção com a décima primeira tese de Marx contra Feuerbach por creditarem as reflexões educacionais nos anos de reabertura política do país onde ocorreu uma profunda rediscussão da área a essa perspectiva teórica.

De fato as reflexões inspiradas por Marx e Engels, críticos fundamentais da sociabilidade capitalista, refletiram no campo educacional e de forma particularmente importante na arena da Educação Física, entretanto, julgamos a apressada relação entre a tese de Marx sobre Feuerbach com nossa área, dotada de desventura.

Primeiro tentemos apresentar o contexto das teses contra Feuerbach. Estas foram escritas por Marx no entorno da primavera de 1845 levantando e criticando os argumentos principais da teoria materialista feuerbachiana. A discussão que se estabelece nas teses envolve a problemática teoria, prática e *práxis* onde Marx busca estabelecer os limites da visão insuficiente do materialismo de Feuerbach. A tese citada por Fensterseifer e González (2007) é a última, a qual podemos nos referir diretamente<sup>11</sup> e que não contém, como afirmado pelos mesmos, um caráter finalista, que indique o fim da filosofia, apontando para um novo momento, absolutamente pragmático de implementação de transformações sociais segundo uma orientação filosófico-dogmática.

Apenas exemplificando nossa afirmação anterior. Marx, nos *Manuscritos de Paris* apresenta reflexões econômico-filosóficas acerca da sociedade do capital recentemente erigida sob as cinzas da sociedade feudal. As teses contra Feuerbach são publicadas pouco tempo depois e então poderíamos – segundo a concepção de Fensterseifer e González – ter dado por finalizada a discussão filosófica para o campo do marxismo. Mas o transcorrer das reflexões e publicações de Marx – e Engels – demonstraram que o referido assunto ou mesmo processo metodológico nunca se encerrou. Poderíamos citar duas ilustrações. A primeira é a publicação posterior do texto “A ideologia alemã. Feuerbach: Oposição das Concepções Materialista e Idealista<sup>12</sup>”, onde o debate filosófico e a apresentação das bases do materialismo histórico e dialético estão dadas. E a segunda, mais distante, é a publicação do primeiro livro de O Capital de Marx, onde estão retomadas e aprofundadas questões explicitadas por ele nos Manuscritos Econômico-Filosóficos, de 1844, anteriormente citados por nós.

Destacada o contraponto a essa argumentação de Fensterseifer e González, podemos afirmar que a relação da concepção posta na décima primeira tese contra Feuerbach com as concepções da Educação Física embasadas no marxismo é mecânica e pouco profícua<sup>13</sup>. Essa relação não tem sequer sido evocada pelos textos mais

---

<sup>11</sup> Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo.

<sup>12</sup> O texto das teses sobre Feuerbach tem recorrentemente sido publicado junto a essa obra.

<sup>13</sup> Em fato, os autores apresentam duas possibilidades de interpretação dessa visão. Uma que reconhece no vínculo pensamento-ação o caráter revolucionário da *práxis*. Postura que se afirma pela ousadia do pensamento que se debate com a experiência, fazendo desta dialética o móvel de novas interpretações e intervenções. Identificada pelo autor como pós-metafísica. E outra, aludida como metafísica, que vão dialogar no primeiro momento do texto, como nos referimos acima. A falta de identificação objetiva dos interlocutores aos quais Fensterseifer e González se prestam ao diálogo faz-se problemática exatamente nesse momento. Onde não sabemos de quem ou que exatamente se esta criticando, obrigando-nos a interpretações que não se ausentam de possibilidades de equívocos induzidos.

conhecidos dessa perspectiva no interior de nossa área. Por outro lado, caso fosse, não seria na perspectiva fatalista, finalista e sim na concepção da *práxis* enquanto movimento da sensibilidade, da teoria e da ação.

Os autores também estabelecem adiante algumas reflexões sobre a dimensão semântica e pretensamente prática de uma terminologia muito apresentada nas teorizações educacionais progressistas. A exemplo da formação de cidadãos, a visão de mundo, sociedade e ser humano, que são pontos frequentemente apresentados em propostas educacionais contemporâneas. Para os autores, essas questões são problemáticas quando são definidas *a priori*, pois devem estar dadas em plena discussão no plano político, afirmando-se no seu próprio exercício. Quando isso se realiza antes da citada atividade, a escola estaria assumindo uma posição dogmática incompatível com a pluralidade preconizada pela República.

Apontamos sobre essas afirmações, um pouco de realidade escolar. Primeiro que os documentos escolares, mais detidamente o Projeto Político Pedagógico, não se fazem enquanto documentos de definições *a priori* pois devem se configurar exatamente como fruto da plena discussão no plano político da comunidade escolar. Por outro lado, é projeto por que é intenção, é norte, não significa que os resultados estão garantidos. E da mesma forma, não é solução copiada, mesmo se coincidente ou signatário com teorizações gerais, é leitura da realidade concreta.

Os autores parecem apegar-se a título de exemplo, a conceitos de República e da pluralidade preconizada por esta, mas esquecem de afirmar o solo de relações sociais em que a mesma está assentada. Um solo onde os interesses plurais estão realmente postos, porém em uma sociedade de classes, os prejuízos se acumulam no pólo empobrecido desta.

Ao clamar para o fato de que uma visão de mundo, ser humano e sociedade fere a pluralidade republicana, deixam de apresentar sua própria visão no interior desta, numa disposição de impossível neutralidade, ou quando muito, colocam-se na visualização de Condorcet onde seria incoerente ao docente ou escola assumir uma posição diante de sua realidade.

Pensamos ao contrário. Combater no campo da *práxis* essa concepção é papel fundamental da educação em seus variados nivelamentos. Não apenas de trabalhar junto das comunidades no intuito de avaliar sua realidade e mais que isso, investigar possibilidades transformadoras, mas fazê-lo de forma declarada, posicionada, sem negar o plural republicano.

Ainda como resquício de algumas das desconfortáveis afirmações dos autores de que, segundo determinada visão, basta-nos fazer, pois a filosofia esta em desuso e por outro lado, que os professores são péssimos aplicadores de soluções alheias, temos alguns comentários que podem trazer elementos de nossa experiência docente.

Temos concordância de que a idéia de investir peso nas práticas, pois a teoria estaria morta e que aplicar soluções alheias de forma mecânica tem se apresentado como erros acentuados, recorrentemente presentes no cotidiano escolar e da Educação Física. No entanto, é preciso aprofundar as duas afirmações.

Arriscamos dizer que ninguém em sã consciência no interior de nossa área afirmou a morte da teoria<sup>14</sup> como preferem afirmar os autores, entretanto é possível

---

<sup>14</sup> É bem verdade que sempre existem teorias específicas sugerindo a morte de outras, o que é concebível numa sociedade de polarizadas concepções, no entanto, todas essas, estão embasadas mesmo que de forma latente em alguma concepção filosófica.

observar o desencanto por ela, como por exemplo por motivos de dificuldade de apreensão das mesmas, dada a realidade pragmática da sociabilidade do capital que apregoa a exploração dos docentes em tempos adequados exclusivamente ao seu uso produtivo, e não em tempos pedagogicamente necessários para a correta apropriação de conhecimentos técnico-filosóficos. Observamos o peso demasiado nas intervenções práticas, descoladas de concepções filosóficas, ainda mais de uma perspectiva de *práxis*, não pela chegada no ponto final do conhecimento filosófico e teórico por parte dos professores e professoras, mas sim pelo contrário quase que total.

Nesse contexto, avaliamos que a tomada de determinadas teorizações como soluções prontas elaboradas “por outros”, pode se fazer verdade. E é justamente uma queda na armadilha, quando não possuímos elementos de compreensão de algumas concepções, tomamos as mesmas como soluções e tão logo iniciamos, vemo-nas como fracassadas. É importante ressaltar que devemos tomar essas teorizações como elementos vivos em nosso processo de relação com o real, e não como a panacéia de nossas dificuldades. Elas são sim, importantes indicações de intervenções, mas pode ser perigoso e infeliz tomá-las como cartilhas eclesiásticas.

Dessa forma é que acreditamos ser necessário reivindicar um processo de aprofundamento na formação inicial, na formação continuada e nos cursos de pós-graduação que detenham a intenção de dotar o campo docente de nossa área de capacidade crítica de apropriação dos conhecimentos produzidos historicamente em relação viva com sua experiência pedagógica. Transcendendo assim, aquilo sugerido pelos autores como a produção de um projeto próprio para a Educação Física com autoria do corpo docente. Isso sim, mas somente se garantidas as devidas apropriações das teorias filosóficas, sociológicas, históricas e educacionais, pois ao avesso disso, estaríamos jogando a história na lata do lixo e creditando na escola um fardo que ela não pode carregar sozinha, o fardo da auto-suficiência.

Por fim, gostaríamos de dialogar com a bela imagem trazida pelos autores acerca da atualidade da Educação Física na escola. Os mesmos retomam a origem da Educação Física, apontam nosso enraizamento médico-biológico, nosso posterior vínculo à instituição esportiva e nosso processo de crítica, a partir dos anos oitenta, onde o movimento renovador da área empreendeu uma reflexão progressista de tal magnitude, que segundo os autores seria “possível comparar esse fenômeno como um ponto de inflexão na qual a trajetória da Educação Física faz uma quebra definitiva com sua tradição”. A área estaria localizada num espaço entre o “não mais” e o “ainda não”. Ou seja, não mais médica-biologicista-esportivista e ainda não totalmente progressista. Nossa experiência tem observado que o citado “não mais definitivo” pode não ser ainda tão definitivo e completo, mas concordamos com a possibilidade de aludir a situação de nossa área no campo escolar dessa forma, pois a presença das tendências progressistas renovadoras é tão significativa que não é mais possível desconsiderá-la.

Essa protrusão não é outra, se não um rompimento significativo com a prescrição do mero auto-exercício. A citada formação de indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente na esfera da cultura corporal e de forma transformadora como cidadãos políticos, parece hoje ser uma concepção bem avançada na maneira de olhar a Educação Física na escola.

Como se pode observar, o movimento renovador da Educação Física dos anos oitenta, produziu uma gama enorme de alternativas a essa área no âmbito escolar. Todas essas, buscaram ir além do simples “exercitar-se”, trazendo à Educação Física, não apenas legitimidade pedagógica, mas também desafios instigantes para o professorado.

## REFERÊNCIAS

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo. Cortez, 1992.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação Física escolar: a difícil e incontornável relação teoria e prática. **Revista Motrivivência**, ano xix, nº 28, p. 27-37 jul./2007.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1989.

KLEIN, Lígia Regina e KLEIN, Bianca Larissa. Linguagem e luta de classes: a palavra em disputa. In: VI Seminário do Trabalho, 2008, Marília. **Anais**, 2008.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: Ensino & Mudança**. IJUI: UNIJUI, 1991.

KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-pedagógica do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LE BOULCH, Jean. **Educação Psicomotora**. Porto Alegre: ARTES MÉDICAS, 1988.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **O capital**. Crítica da economia política. Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Feuerbach: a contraposição entre as cosmologias materialista e idealista. São Paulo: Martin Claret, 2004.

NOZAKI, Hajime Takeuchi. **Educação Física e reordenamento no mundo do trabalho: mediações da regulamentação da profissão**. 2004. 399 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

TANI, GO et al. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo, EPU/EDUSP, 1988.